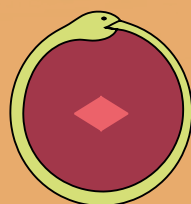


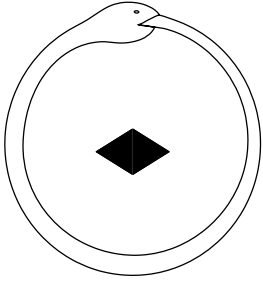
SOMOS AQUELE CHÃO
QUE CARREGA E LEVA TUDO

Sandra Benites

Corpo-Território 2



cadernos
SELVAGEM



SOMOS AQUELE CHÃO QUE CARREGA E LEVA TUDO

CORPO-TERRITÓRIO 2

Sandra Benites

“Corpo-território” é uma série de Cadernos Selvagem. Fruto de um curso oferecido de forma online pela plataforma “Papo de Bruxa”, que convidou a curadora Sandra Benites Guarani Nhandewa para se reunir com as mulheres inscritas durante quatro domingos em novembro de 2020. Cada um dos cadernos corresponde a um dos encontros, seguindo a ordem dos acontecimentos. Este segundo Caderno é a transcrição da aula 2, “O nosso corpo é o nosso saber”.

Primeiro, mais uma vez agradeço a vocês, as meninas que estão organizando, que sempre tiveram uma energia positiva, mesmo a gente passando algumas dificuldades, que todas nós passamos, mas sempre tivemos a força dessa positividade que é a união das mulheres.

A história da mulher é sempre distorcida, mas a partir dessa distorção que a gente tem que ficar atenta para trazer a questão. Eu acho que é isso que a gente sempre faz e a minha avó, por ela não saber ler, por ela não saber falar português, ela tinha muito poder e autonomia de dizer sobre o que ela pensa da narrativa; ela se empoderou a partir do questionamento e eu peguei essa sabedoria dela de repassar para outras mulheres. Minha avó era parteira, cuidava muito das mulheres. Com 70 anos, era uma pessoa ativa, muito alegre, e ela era uma educadora de uma forma potente. As nossas referências sempre foram as nossas avós, as nossas mães. Essas mães, essas mulheres que nós temos na nossa referência, nem sempre é positiva, tem a tristeza, tem a alegria também, mas eu acho que a gente tem que construir outros caminhos com essas histórias que foram contadas para a gente.

Nhanderu e Nhandesy:

COMO A HISTÓRIA É CONTADA VÁRIAS VEZES

A história da *Nhandesy*, como eu comecei contando, no meu entendimento, essa narrativa nos explica que o *Nhanderu* é o *ywategua*, é de cima, *Nhandesy* é o *ywy pygua*, é o próprio chão. Só que um complementa o outro nessa questão do conhecimento. Existe assim, fisicamente, como se fosse homem, figura masculina, e a mulher, fisicamente, mas simbolicamente é um conjunto. Os homens têm o corpo feminino, mas as mulheres também têm o corpo masculino, um pouco de tudo. Só que tem momentos diferentes que a gente usa as nossas habilidades destes dois corpos que a gente carrega. Então, esses dois corpos, eu diria aqui, são apenas lugares diferentes, momentos diferentes. A pele é diferente, se o momento é diferente – não é que somos totalmente diferentes um do outro. Por isso que os homens, que nunca sangraram, não vão saber o que é a mulher sangrar, nem a gente vai saber, por exemplo, como o *Nhanderu* veio aqui na terra, plantou e aí começou a se desentender com a *Nhandesy*, porque ninguém se entendia, por conta dessas questões que cada um tinha, um momento e um olhar diferente e o lugar diferente de experiência.

O *Nhanderu* é o *ywategua*, é de cima, a *Nhandesy* é o *ywy pygua*, é o próprio chão. Quando o *Nhanderu* veio, plantou, disse que convidou a *Nhandesy*. No outro dia, o *Nhanderu* chamou a *Nhandesy* para ir lá colher as frutas, as coisas que o *Nhanderu* plantou. E disse que a *Nhandesy* duvidou e falou assim: “ué, mas como é que você plantou ontem e hoje já vai estar tudo pronto?”. E aí *Nhandesy* duvidou, e por isso *Nhanderu* ficou quieto, ele ficou no silêncio, e a partir disso *Nhanderu* começou a silenciar e não comunicar mais a *Nhandesy* aquilo que ele iria fazer, ou o que ele fez. *Nhandesy* ficou chateada por isso também e falou: “olha, por que você não fala mais comigo, se distanciou?”. Diz-se que, naquele momento, a *Nhandesy* estava grávida. *Nhanderu* falou pra *Nhandesy* que ia voltar para o *amba*, e o que é o *amba*? A origem dele, que seria *yvate*, que seria de cima, em cima, que é *ywategua*. *Nhandesy* não aceitou, mas mesmo assim o *Nhanderu* falou que ia voltar, que ele precisava,

o *amba* precisava dele, e a *Nhandesy* não podia ir, porque *Nhandesy* é o *amba* também, é o próprio chão, é a própria terra. E é onde teve esse atrito, *Nhanderu* foi embora, e *Nhandesy* ficou muito triste e começou a caminhar. A minha avó contava que ela ficou muito triste, grávida, e as crianças começaram a falar. Falar que poderiam guiar a mãe atrás do *Nhanderu*. Eu já falei em algum momento dessa história, mas quero explicar melhor o que eu penso sobre isso. Diz-se que as crianças começaram a falar, a dizer que temos que obedecer nossos desejos, todas as nossas vontades e vamos guiá-las para ir atrás do *Nhanderu*. *Nhandesy* concordou, e tinham muitas coisas boas na estrada, frutas e flores, essas coisas. E todas as crianças queriam tudo o que viam na estrada.

Nhandesy já estava exausta, cansada, e começou a brigar, a falar para as crianças: “vocês ainda nem nasceram e já começaram a pedir várias coisas, tudo que vocês veem, vocês querem, eu não posso, tô cansada!”. As crianças, de birra, começaram a ficar quietas, se silenciar, e a mãe ficou perdida, porque, na verdade, eles que levavam a mãe, que mostravam qual caminho ela tinha que seguir. Diz-se que chegou no caminho encruzilhado, onde tinha *tape* – que tinha uma na frente e outra do lado direito e esquerdo, que a gente chama de *japia*. Como as crianças já não estavam falando mais, *Nhandesy* já não sabia mais, já estava perdida, já estava exausta, assustada. Ela começou a pegar o caminho que ela achava que deveria seguir. E aí onde ela chegou? Na *tawa* das onças, como se fosse a aldeia das onças, porque na verdade, para nós, *Guarani*, as onças e todos os animais que existem hoje eram gente como a gente. Ela foi para a terra das onças, onde ela foi devorada; é uma tragédia muito triste o que aconteceu.

ALGUMAS RELAÇÕES SOBRE A NARRATIVA

Quando a gente está grávida, a mulher está grávida, todos da família têm que estar muito atentos a essa mulher. Inclusive eu escrevi algumas coisas sobre ela, porque a minha avó dizia que quando a mulher está grávida é como se ela estivesse entre a vida e a morte, como se ela tives-

se enterrada a metade, e a metade fora. E por isso que todos esses cuidados, essa forma de lidar com a mulher grávida, têm que ser seguidos, porque quando a mulher está grávida, para nós, *Guarani*, ela tem que ter as pessoas que ela confia do lado – por exemplo, o pai da criança. O pai da criança, que engravidou a mulher, é obrigatório ficar ali, segurar a dor. A questão é pela segurança da própria mulher, e pra ela ter mais força espiritual, a força de não se sentir sozinha, abandonada como uma mulher grávida que pariu um filho sozinha, por exemplo: eu pari no hospital e me senti abandonada totalmente. A minha avó falava que assim é mais fácil de uma mulher morrer, por exemplo, parindo um filho sozinha, em um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas. É mais fácil que uma mulher morra, na verdade. Às vezes, é o próprio espírito que pode ir. E aí eu lembro que – voltando ao hospital – não permitem essas questões. Então, muitas vezes, a gente se sente muito sozinha.

Já houve caso – não foi na mão da minha avó –, algumas raras vezes aconteceu, uma mulher morreu de parto e a comunidade, ou seja, o povo *Guarani* se sentiu incapaz de salvar alguém. Uma mulher, caso aconteça isso, a mulher quando morre, pelo menos todo mundo se esforçou para salvar, para ela não se sentir só, o espírito dela não se sentir sozinho. Então, por isso que a gente tem essa ideia. Claro que hoje é mais frágil, por conta dessas questões, muitas vezes as meninas novas vão para o hospital, e claro que as parteiras também já estão em falta na aldeia, e as parteiras não são valorizadas muitas vezes na aldeia; por isso que, muitas vezes, elas vão para o médico. Então, nessa questão, eles falam que a mulher pode também morrer, na verdade, porque como a gente já está entre a vida e a morte... Porque a gravidez, no nosso costume, não é uma coisa romantizada, é uma coisa séria. Por isso que a gente sempre fala sobre a gravidez, como é que é, a gente é orientada, a partir do momento em que a gente fica grávida ou quando a gente casa, já começa a pensar em família, ter filhos, essas coisas. Não é de um dia para o outro que a gente tem que pensar e conversar sobre isso. E isso é uma coisa que eu queria falar sobre essa tragédia da história da *Nhandesy*. Isso foi um ensinamento pra gente. Como é que a gente vai reverter, não deixar mais as meninas se perderem, se assustarem e morrerem no caminho, sozinhas, abandonadas? Então, isso é falado para os homens

desde pequenos, esse processo durante o ritual, eles vão aprender sobre essa história. Por isso é importante falar sobre essa história para os meninos. Isso não fica só pra gente, isso é falado para os meninos também.

RITO DE PASSAGEM

Os meninos, durante o processo de ritual, geralmente quando eles começam a engrossar a voz, vão aprender a plantar, a caçar e a dialogar com o espírito da natureza. Todas as coisas, para a gente, têm espírito. Por exemplo, o rio. Quando eles vão se banhar no rio, nesse período, é um grupo de meninos quase da mesma idade, eles vão juntos. Geralmente, tem uma casa que se chama Casa de Solteiro e Casa de Solteira. Na *Rymba* e Espírito Santo ainda tem algumas. Agora parece que não tem mais, mas tinha, até bem recentemente, tinha “casa de solteiro” e “casa de solteira”. Ali era onde estavam os meninos. Geralmente, os meninos ficam mais isolados entre eles, com uma pessoa de orientação – uma pessoa mais velha, que vai guiar pra eles irem caçar, aprender a nadar, fazer a casa, a roça, namorar, todas essas coisas que eles vão praticar. Eles ficam mais juntos.

Os meninos vão aprender, neste período, a dialogar, a falar com os seres da terra, vão pedir pro *ijara*, que eu gosto de falar sobre o *ijara* da mata, *ijara* das árvores, *ijara* das plantas, ou às vezes *ijara* da noite também existe. Então, todas as coisas têm seus *ijara*, seus espíritos, você precisa aprender como dialogar, ou cantar, ou saber lidar com isso. Como que você vai chegar no rio, como que você vai sair, como que você vai buscar uma planta. E nesse período os meninos vão aprender a buscar quais remédios são importantes para o sangue das mulheres. Por exemplo, o fluxo: as mulheres que têm muito fluxo de sangue, os irmãos têm que saber disso. Então, por isso que a família têm que saber do sangue, do momento e do período das meninas menstruarem. E aí quem vai buscar as plantas, o remédio, são os homens. Porque as meninas nesse período não podem andar, elas não podem sair, ir pelas matas, porque a gente pode ser cheirada pelos bichos, tem várias outras coisas que nós temos como restrito. Nesse período, eles vão construir esse corpo de

dança, que é através da dança, através do movimento. São várias formas de movimento dos meninos. Uma das coisas é a dança do guerreiro, que é o *ywyráija*, que tem uma dança muito forte. E eu fui entender que a dança dos homens é como um cosmo político. Eu não entendo muito bem isso; a dança dos homens se transforma para cada situação. A mesma dança, o mesmo canto, se transforma para cada situação. Às vezes ela é sagrada, às vezes ela é brincadeira, às vezes ela também é política e, às vezes, ela também é guerra. É uma coisa que é muito importante e que hoje eu percebo, a dança dos homens¹.

As meninas geralmente ficam mais pra família; quando vem a primeira menstruação, têm dias de guarda pra ficar de resguardo. Falando da dança, as mulheres também têm dança própria, mas, para as mulheres *Guarani*, a sua dança é mais estética, é mais assim para se exibir mesmo, enquanto mulher, enquanto beleza, todo aquele corpo que a gente carrega, que a gente exhibe. E é muito importante para nós exibir o nosso corpo, porque isso dá uma força de autonomia, de confiança. Então, por isso que a gente também tem a nossa dança, pra gente ter autonomia, ou seja, pra gente ter essa força. Geralmente, no período menstrual é o momento de escutar o nosso próprio corpo, dizem que é o momento da solidão, de você curtir seu corpo, escutar seu corpo, afastar-se das pessoas, porque nesse momento você está num período de conflito também, angústia, às vezes, então por isso é muito importante pra nós esse momento – se chama o momento de solidão, de curtir a solidão. O seu próprio corpo, o seu espírito, o seu próprio respiro. É um momento perigoso do nosso sangue descer e aí a gente fica cuidando da gente, fortalecendo a gente mesma. Isso é muito importante.

1. Essa sabedoria requer muito tempo. Para os homens, geralmente, dura dois anos. Esse ritual, pro *jurua*, seria regra. A regra é rígida. Por exemplo, não é que a regra é rígida, mas se você dá uma regra, você tem que colocar uma outra coisa que atraia. Não é uma coisa que você tira ou você fecha ali entre paredes. Parece que hoje eu tô percebendo isso, a dança dos homens é muito importante, sempre em grupo e depois o momento deles descansarem. A alimentação também é muito importante, porque o momento deles de dançar é muito rígido, é muito tenso. Então, eles têm uma alimentação específica durante esse ritual, como se fosse um tratamento do seu próprio corpo. Como eles dançam muito nesse período, eles usam muito o corpo, eles gastam muita energia que movimenta o corpo. E esse seria o momento de ele escutar o seu próprio corpo, a dança talvez seria algo que movimenta o corpo.

Embora os homens não sangrem, dizem que eles têm sangue quente, igual à gente. Eles também menstruam, também têm sangue quente, que corre pela veia o tempo todo. Só que o dos homens é todos os dias, né? Todos os dias eles sangram. Eles falam que têm sangue quente, o *tuguyraku*, que significa o tempo todo. E é por isso que eles falam que o sangue quente dos homens é muito perigoso, se eles não tiverem controle com o seu próprio sangue. E aí, para ter controle sobre o seu próprio sangue, é importante os homens fazerem seu corpo paciente. O tempo todo maltratar o seu próprio corpo significa que eles têm que ter o movimento: eles têm que ir lá plantar, caçar, aprender a nadar e levantar cedo e ter todo esse controle de atividade diária no que eles estão fazendo, exatamente para controlar esse sangue quente, porque ele está em crise nesse período de engrossar a voz.

E encerrando essa pesquisa, hoje a gente se depara com várias coisas. Muitas aldeias não têm mais mato, não têm mais o que fazer, muitas vezes não tem nem rio. E aí, quando eles começam a se angustiar, sem ter referência, sem ter relação com as coisas, pode se tornar perigoso. E se torna perigoso. Hoje eu percebo que muitos jovens caem na bebida, vão buscar uma outra coisa que não é tão importante pra gente. E aí é onde eles são vulneráveis e onde eles perdem o controle. Eles ficam desequilibrados. Então, em muitas aldeias, eu vejo que os mais velhos reclamam muito, falam que os jovens de hoje não são obedientes, mas acontece que eles não estão entendendo também, os mais velhos não estão entendendo o porquê. Como, por exemplo, eu tive essa experiência, eu tive esse conhecimento, eu passei por isso, mas meus filhos já não tiveram a mesma coisa, depende de como o entorno e como que a gente foi produzindo o nosso corpo. E é a nossa relação com a sociedade ao redor, ou seja, se existe rio, se existe o lugar pra gente pisar no chão, ou seja, você vai ter esse saber, o nosso próprio corpo, que é o nosso saber, vai depender do contexto no qual você foi produzido.

Todo conhecimento dos homens e das mulheres está equilibrado entre corpos, relações e lugares onde a gente está. Eu queria falar um pouco sobre essa questão e também sobre a questão da disputa do nosso ser. A partir do momento que começamos a estudar na escola, nós elaboramos uma proposta curricular que respeita essa crença, essa forma

de viver, esse sistema. A escola indígena, hoje, por bem ou por mal, tem o seu direito amparado de fazer a escola diferenciada, que seja bilíngue, que seja específica de cada comunidade. Claro que eu, a escola, os professores e a equipe da escola começamos a discutir sobre o respeito às meninas. As meninas *Guarani*, por exemplo, quando estavam menstruadas, ficavam de resguardo em casa; a gente não obrigava as meninas a irem pra escola. Quando tem irmão recém-nascido na família *Guarani*, a família mais próxima não come carne vermelha. Então, quando tem uma criança na escola que tem irmãozinho recém-nascido, a gente mandava fazer uma coisa diferente, não podia ser carne. E aí eu lembro que a gente fazia tudo isso, mas eu, *Guarani*, enquanto professora, contratada pelo sistema da prefeitura, não podia faltar, mesmo menstruada, eu tinha que desrespeitar meu corpo, porque eu era contratada, e contratada não tem substituto. E é por isso que sempre lutei para que se fale sobre isso. Como é que a gente vai negar isso? Como é que em todo lugar a gente nega? Parece que a gente não existe. E eu sempre tenho essa reação com o meu próprio corpo, de não ser respeitada, e eu tive que falar sobre isso, por isso que eu também criei essa conversa entre nós, para a gente sempre falar sobre o nosso próprio corpo.

Esse nosso ciclo é o nosso sangue, a primeira menstruação tem que ser respeitada e a partir do momento que a gente começa a menstruar, a gente tem essa relação com o nosso corpo, de que isso é sabedoria, o nosso sangue é sabedoria, o nosso movimento é a nossa sabedoria. Então, todos os passos que a gente pisa, na verdade, são a nossa sabedoria feminina. Como é que você é enxergada pelos outros por ser mulher? Então, você também tem que questionar isso. E, a partir disso, você tem também que colocar isso no seu próprio corpo e dizer: “olha, por que eu sou vista dessa maneira?”. Eu tenho que questionar, a gente tem que questionar e não aceitar como é imposto para a gente viver. Claro que o outro também pensa, também forma e organiza as coisas, não somos todos iguais, mas é possível a gente questionar esse nosso corpo. Esse nosso corpo, na verdade, é o movimento, a nossa trajetória, nossos passos e o nosso entendimento daquilo que a gente carrega.

Existe o momento da gente ser criança, *kryngue*. *Kryngue* não tem gênero, é um momento muito importante, que muitas vezes não

é valorizado. A gente é submetido a várias questões e a gente não tem o nosso próprio ser, produzir aquilo que a gente é, como a gente é, ou o que a gente deseja enquanto criança. E depois vem essa fase de adulto, que também é uma outra questão. E depois tem a fase enquanto mulher. A gente tem que viver questionando isso, porque é um momento de autonomia, mas a gente só tem autonomia quando a gente para de menstruar: mas só que isso, pra mim, é um momento de sabedoria que a gente carrega. Então, essa sabedoria que a gente carrega é muito importante compartilhar. Por isso que nós, indígenas, de modo geral, a gente escuta muito as pessoas mais velhas. E eu vejo que, na sociedade **jurua**, as pessoas mais velhas são totalmente descartadas, parece que elas não têm o momento de compartilhar as coisas. E é muito importante as pessoas mais experientes terem uma relação com o jovem, eu acho que isso é super importante. E de escuta, porque essas narrativas das pessoas mais velhas, tem muitas coisas que a gente aprende e questiona também.

A QUESTÃO URBANA

Eu não sei exatamente como traduzir essa sabedoria para a cultura urbana... Para mim, é tudo muito novo ainda, a questão urbana. Então, essa questão da dança, essa questão de movimentar, usar esse corpo como uma arte, de você curtir seu corpo; mas o período dos meninos é muito conflituoso também. E esse conflito pode deixar eles vulneráveis, se a gente não tiver cuidado com eles nesse período. Eu acho que, no contexto urbano, seria muito importante essa questão do movimento que movimenta o corpo, que deixa eles bem tensos, digamos assim, com essa energia. E também ter o cuidado da própria família, com alimento, de acolhimento mesmo, de dar importância para esse movimento nesse período de conflito. Eu acho que isso é muito importante para os meninos.

Para as meninas, para nós, é muito importante nesse período menstrual o acolhimento, o cuidado, demonstrar esse carinho e cuidado com

o corpo. Eu acho que isso é muito acolhedor pra gente. Porque é um momento vulnerável também, essa sensibilidade que a gente tem no nosso corpo, e quando a gente está nesse período, é muito importante ser acolhida pelas pessoas mais sábias. Sábios são pessoas mais experientes, eu acho que isso é muito importante, porque eu me lembro que eu fui uma vez dar palestra na PUC e aí teve algumas meninas que falaram que se sentiram muito mal, choraram muito, algumas falaram que em casa nunca ninguém falou sobre a menstruação. E aí eu fiquei pensando em muitas coisas, o quanto essas meninas ficaram angustiadas por isso.

O NOSSO ESPÍRITO

É muito importante a gente saber lidar com o nosso próprio espírito, porque isso também é o espírito. Eu costumo dizer que é o nosso espírito. O que é o espírito? O que é o conhecimento ancestral? Foram falando aí que o nosso espírito, na verdade, uma hora está vulnerável, uma hora não. Então, é um processo que parece constante, é uma mudança também. Então, o nosso espírito está muito relacionado ao momento em que a gente está. Às vezes, a gente enfrenta muita coisa por medo, como a *Nhandesy*. A *Nhandesy* estava assustada, ela estava com medo, ela estava se sentindo sozinha, estava apavorada e se perdeu no caminho. É importante a gente sempre cantar, por mais que a gente sinta alguma coisa angustiante, cantar. É engraçado que a minha avó falava que a voz é da mulher, por isso que para nós é o canto. O movimento, que seria a dança, seria dos homens, mas uma coisa está relacionada com a outra, como se fosse, tivesse o mesmo corpo nos dois, une esse corpo, tanto canto, quanto dança, também une o corpo feminino e masculino. Assim, não é que os homens não podem cantar, mas a voz, parece que o canto, é da mulher; dizem que nós temos o nosso canto. E quando, por exemplo, você vai sair pra praia, é bom você sempre cantar o seu canto para si mesma, pra você ir e voltar, porque o canto é da gente, a gente pode sonhar com o nosso canto, independente de qual canto que a gente sonha, esse é o nosso canto. Eu tenho o meu canto. Inclusive, uma vez eu fui

numa palestra e falaram pra eu cantar. E me deu vontade de cantar, mas aí eu percebi que não era o momento e eu fiquei muito fragilizada. Depois eu falei assim: “o que aconteceu comigo?”. E aí eu canto pra mim. O nosso canto, muitas vezes, não é pros outros, é pra gente mesma. E aí eu comecei a cantar pra mim, pra dormir, depois pra acordar. Esse canto vive comigo. Onde você estiver se sentindo mal, ou sentindo fragilizada, vulnerável, ou triste, ou alegre, independente do momento que você vive, é importante ter o seu canto e cantar pra você mesma. Isso é muito importante. E diz que a voz, o canto é nosso, da mulher.

Claro que os homens também podem cantar, mas eu tô falando assim, especificamente, da mulher. Segundo o que a minha avó falava. E aí a mesma coisa, como se o som da voz alto fosse nosso, da mulher, por isso que tem a ver com o canto. O canto, na verdade, não é canto pra gente, é grito. Diz que a gente tem voz fina, nós temos habilidade de afinar nossa voz. Quanto mais você gritar e você sentir o seu próprio corpo, as suas emoções, dizem que o canto é mais alto, vai mais longe, ela falava isso pra gente. Então, eu só queria compartilhar essa sabedoria entre nós, mulheres, mulheres que cantam, podemos cantar e nos sentir acolhidas, por isso que é importante também. No período da solidão também é importante a gente sonhar com o nosso canto. E como a gente processa o nosso caminhar? E aí eu lembro que a gente não pode se sentir cansada, na verdade. Não que você não pode, você pode. Claro que a gente está cansada. Quando a gente está cansada, é bom que se admita esse cansaço. Quando a gente está triste, admita essa tristeza. *Nhandesy* nos ensinou que, às vezes, a gente quer fazer algo que já não está mais no nosso alcance enquanto corpo. Isso serve para todo mundo, independente de mulher, né? Acho que isso serve pra todo mundo. O nosso corpo, ele tem que ter sensibilidade de sentir o que está sentindo, o momento, de sentir o cheiro. E também ser cheirado, né?

A gente também tem o nosso cheiro. Quando a gente é cheirado, é um pouco perigoso pra gente. E aí, às vezes, a gente não tem noção, perde a noção de que a gente está cansado, que a gente está triste. Então, é importante, às vezes, a gente recuar e admitir aquilo que acontece, mas nunca esquecer do próprio canto, do seu próprio canto. Esse canto, cada um tem o seu. Como dizia a minha avó, ela falava que toda mulher

tem seu próprio canto. E assim, não que a gente também não possa se movimentar. Como eu falei, existe canto e também existe dança. Só que como se fosse canto da mulher e dança dos homens, mas a gente junta os dois. Tanto os homens quanto as mulheres também juntam esses dois movimentos, essas sabedorias, digamos assim. E por isso também que é importante a gente sentir esse momento, de como é que a gente está, como é que a gente está se sentindo, o que está acontecendo com a gente com essa pandemia. Eu acho que tem muita coisa acontecendo, é muito desgastante, muita coisa, e a gente não pode se abalar com isso, né? Porque quando a gente se abala também com alguma coisa, o nosso corpo também fica vulnerável, fica frágil, né? Na verdade, porque o nosso espírito fica frágil, não é que a gente é frágil, que essa fragilidade é do nosso espírito... Não é que nós somos assim. É importante considerar o outro e o que está em torno da gente. A gente refletir, a gente olhar o que está acontecendo, para a gente entender, inclusive da própria família, ou com parceiro, com parceira, com quem estiver ao nosso lado. É muito importante.

Eu falei assim, eu queria fazer uma casa, eu tô procurando, nem que seja um pequeno terreno, para fazer chão e para fazer fogueira e a gente fazer essa fogueira e a gente contar história. Cada um conta a sua história em torno da fogueira, que é o meu sonho. Nos dias em que a gente está ali e cada uma tem sua rede para dormir, a gente conversar, a gente se acolher de fato, porque eu acho que está faltando muito isso, hoje em dia, que a gente está muito correndo, correndo, correndo, correndo o tempo todo, e às vezes, agora, infelizmente, a gente tem que respeitar isso – *infelizmente* não, eu acho que *felizmente*, tem que respeitar mesmo, pois não pode colocar nisso a vida das pessoas. Mas, quando passar isso, eu sei que não vai passar com medo, mas eu acho que é importante a gente criar outros caminhos, a partir dessa nossa experiência da distância, de a gente não poder se encontrar, mas que em um momento, a gente, como nesse lugar especial, cria outra forma de encontro, e não academicamente... É porque eu também falei isso um pouco esse dia, da minha própria experiência. Eu ia viajar, fazer palestra com um monte de gente, mas era o único jeito. Não tinha outra forma de a gente se escutar, de fato, se escutar, se acolher, fazer esse encontro, de fato.

Encontro que eu tô falando de perceber o outro, de sentir o outro. E aí, já vou falar um pouco sobre quem desenha que é pra desenhar, pintar sua própria trajetória, seu próprio corpo, sua forma... Porque cada uma tem habilidades, eu chamo de habilidade isso. Quem escreve, quem quer cantar... Muitas vezes a gente faz o mesmo caminho, vários caminhos, mas a gente sempre se encontra no caminho. Eu acho muito importante isso, interessante isso. E quem quiser pintar, por exemplo, eu sempre gostei de pintar paisagem. Aí, depois desse encontro que a gente está fazendo, me veio uma força de querer pintar paisagem, paisagem da minha trajetória, fazer paisagem. Eu acho que é importante cada uma fazer a sua paisagem, sua forma, sua caminhada, seus passos. Eu acho que isso seria muito bom para a gente, a nossa criatividade a partir da nossa própria experiência... Que eu não diria a nossa experiência, eu diria assim, nosso saber, porque a experiência é o saber também. Eu acho que o próprio corpo, o nosso corpo é o nosso saber, é o nosso lugar de saber, é o nosso chão, é o nosso espaço de fazer, é o nosso espaço de criatividade.

Toda essa questão vem da caminhada da *Nhandesy*. Ela se perdeu, aconteceram coisas e, como ela saiu daqui, não iria existir fome, não iria existir morte. Então, mulher é morte e vida também. Nós, mulheres, somos vida, então sangue tem a ver com a vida e com a morte também. É a gente que carrega o sangue. Só que é engraçado que nós, mulheres, temos mais condições de lidar com o nosso sangue. Uma hora a gente vive aquela questão, mas depois... E quando se trata dos homens, parece que eles têm menos controle, quer dizer, se eles não tiverem o saber de controlar o seu próprio corpo, o seu próprio sangue, eu acho que é mais perigoso. E como que nós também temos que saber lidar com eles. Eu acho que eu não tenho medo de falar do meu sangue e do próprio sangue dos homens, porque eles têm, apesar de que eles não sangram, mas por não sangrarem por mês, digamos assim, é que eles sangram diariamente. Então, diariamente é muito doloroso também para eles, eu disse isso, como usei essa metáfora para dizer isso, e como que esse movimento da dança tem a ver com o sentimento que pode nortear todos

nós, independente da mulher ou homem, para nortear e para a gente superar a nossa angústia, a raiva, parece que tem a ver com o nosso sentimento de fato.

O sentimento, pra gente, está associado ao estômago. E aí, toda vez quando a gente fica sentimentalmente ferida por alguma razão, a gente carrega, né? Às vezes, parece que está no peito... Diz que aqui a gente carrega muita angústia, aqui. É por isso que os mais velhos falavam que não era pra gente guardar. E é através do canto, que seria através do grito, que a gente tem que cantar. Por isso que os homens também cantam. Não que os homens não possam cantar, eles podem cantar. Mas essa angústia, a nossa tristeza, a nossa raiva... E aí eu acho que isso tem muito a ver com a questão de a gente criar outros caminhos. Pra gente não seguir o mesmo caminhar, como a **Nhandesy** caminhava sozinha. Sozinha e triste, não tinha com quem falar... Ela andou muito sozinha, caminhou exausta, se sentia abandonada. Então, não é que ela morreu, de fato, mas ela se entregou. Minha avó dizia que ela deu o corpo, ela mesma deu o corpo, não é que as onças devoraram ela, não... É porque ela mesma se entregou para ser devorada. Então, por isso essa ideia de cada uma ter que usar – como dizia minha avó – usar sua voz. Então, às vezes, o canto não é só alegria, o canto não é só alegria, não é só canto. O canto também é grito, por isso o canto é grito. O canto pode ser grito de alegria, grito de tristeza, grito de socorro, grito de vários sentimentos, por isso que o canto ultrapassa toda essa questão que a gente sente. E eu acho que o toré tem que ser o momento de superação também. Cada um tem que levar isso pra sua vida, o momento de estar. Isso depende muito do momento em que cada uma está, por isso não dá para generalizar tanto, depende do momento de cada pessoa. Por isso que eu falo, tem coisa que é coletiva e tem coisa que é individual. Mas é importante a gente identificar o momento e o porquê de a gente estar ali. Então, muitas vezes isso pode ajudar a gente, porque é impossível a gente viver, andar em um único passo, digamos assim, espaços, levando todo mundo no mesmo lugar. Cada um tem a sua experiência.

E aí, voltando à história da **Nhandesy**, então, para a gente não existe essa pessoa perfeita, não existem seres perfeitos, existem seres equivocados e por isso que a gente precisa buscar construir ou criar outros

caminhos a partir dos nossos próprios equívocos. Então, é possível. Por isso que o nosso passo, a nossa caminhada, sempre vai encontrar vários obstáculos. Então, para você criar, saber lidar com o obstáculo, que é imprevisível, que você não sabe que vai encontrar no caminho, você precisa construir esse corpo para lidar com esses vários obstáculos que você vai encontrar no caminho. Então, nesse caminho você vai saber lidar com isso. Por exemplo, eu, às vezes, fico mal na cidade, mas essas meninas maravilhosas que eu conheci, Romina, Dasha e várias outras mulheres maravilhosas, embora elas sejam totalmente diferentes, a gente se encontra em coisas em comum e aí é onde eu busco força. Não é que eu tô dizendo pra elas viverem do meu jeito ou eu vou viver do jeito delas, mas é na hora que a gente se encontra e comparece enquanto ser menina. Eu acho que isso me ajudou muito e isso é uma libertação pra gente. Quando você consegue conviver com vários conflitos, digamos assim, você consegue superar aquilo... É uma libertação a cada dia. É como se fosse uma missão cumprida todos os dias pra você mesma. Eu acho que é um desafio da vida para cada uma de nós. Não existe uma coisa que é pronta, perfeita, ou seja, é importante essa sabedoria de você saber circular em qualquer momento, em qualquer espaço, eu acho que é uma questão da libertação. Por isso que nós somos muito doentes enquanto uma única cultura. Unir-se a todas as culturas, sabedorias, se respeitar, saber circular. A gente vive isso através da comida, através da música... São várias culturas. O único lugar em que a gente se encontra como gente, eu acho que é na comida, na alimentação e na arte. É a minha forma de pensar a partir da minha própria relação com diversas pessoas e origens. Eu consigo me encontrar, embora em diferentes lugares, mas eu consigo me encontrar. E aí é uma questão de superação mesmo. Eu acho que é isso.

Na verdade, as coisas são o próprio “nós” mesmas. Mas a gente não é sozinha. Quando a gente fica sozinha, sempre que a gente está meio que separada da coisa, na verdade, não está. Aí eu comecei a referenciar, a gente carrega como se fosse um... Nós mesmas somos aquele chão que carrega e leva tudo. É isso mesmo, eu me vejo assim, nós somos assim.

Nascida na Terra Indígena Porto Lindo, município de Japorã (MS), em 1975, Sandra Benites é mãe, pesquisadora e ativista *Guarani*. Descendente do povo *Guarani Nhandeva*, atua como antropóloga, pesquisadora, curadora de arte e educadora. É também Diretora de Artes Visuais na Fundação Nacional de Artes (Funarte), sendo a primeira pessoa indígena a ocupar um cargo de diretoria na fundação. Sandra se destaca por suas lutas em defesa dos direitos dos povos indígenas, sobretudo da demarcação dos territórios e da educação *Guarani*.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Nesta série de cadernos de Sandra Benites contamos com a especial colaboração de Karlla Giroto, Aline Bernardi, Tatiana Jardim, Taína Veríssimo e Izabel Goudart na organização, transcrição e revisão das falas do curso Corpo-Território, que originou os materiais. Agradecemos também a Dalmoni Lydijusse pela ilustração, Cristine Takuá e Anai Vera pela revisão das palavras em *Guarani*, e a Daniel Grimoni pela revisão final do caderno.

Mais informações em selvagemiclo.com.br

CURSO CORPO-TERRITÓRIO

Curadora e Professora: Sandra Benites

Idealizadora: Romina Lindemann

Participantes: Aline Bernardi, Izabel Goudart, Tatiana Jardim, Taína Veríssimo, Fernanda Cristall, Camila Durães, Gilsamara Moura, Dalmoni Lydijusse, Dasha Lavrennikova, Karlla Giroto, Carla Gamba, Julia Sá Earp, Livia Barroso de Moura, Jaya Paula Pravaz, Juliana Nardin e Lau Veríssimo.

KARLA GIROTTO

É artista, professora, pesquisadora e escritora. A sua prática artística tem sido marcada por uma pluralidade de ações – performance, texto, objeto, instalação, vídeo, fotografia e, especialmente, pela criação e abertura de processos de experimentação e produção. Mestre e Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade PUC/SP no curso de Psicologia Clínica, bolsista CAPES (2013-2015) e CNPq (2019-2022).

ALINE BERNARDI

Artista, pesquisadora e professora das artes do corpo e da cena, com interesse pelos trânsitos entre dança e escrita no processo de criação. Diretora Artística do Celeiro Moebius. Criadora e Proponente do Lab Corpo Palavra. Autora do Livro *Performance Decopulagem*. Mestre em Dança no Programa PPGD/UFRJ e Pós Graduada no PCA/FAV. Aperfeiçoamento em Performance através do Programa F.I.A. no c.e.m. de Lisboa. Graduada em Licenciatura Plena na FAV. Formação Técnica em Dança Contemporânea pela Escola Angel Vianna. Certificada nos Módulos Introdutório e CS1 das Técnicas de Terapia Crânio Sacro pela Upledger Brasil. Capacitação no Método Bertazzo de Reeducação do Movimento. Professora Substituta de Dança do Colégio Pedro II – Unidade Realengo II [2018- 2019], sendo fundadora e integrante da equipe do NACE - Núcleo de Artes Cênicas. Idealizadora do Site Contato Improvisação Brasil. Curadoria, artista e gestora do programa *Entre Serras: Residências Artísticas e Poéticas da Sustentabilidade*.

TATIANA JARDIM

Investigadora e produtora artística e cultural. Mestre em Antropologia Visual pela Universidade Nova de Lisboa (Nova FCSH), pesquisa o feminismo descolonial, memória e patrimônio, com foco em metodologias da antropologia visual e compartilhada. Possui formação em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela ESPM-SP. Nascida em Santos (São Paulo, Brasil), residiu por quatro anos em Lisboa (Portugal), onde trabalhou na gestão de projetos culturais voltados ao audiovisual. Em São Paulo, trabalha com produção de eventos e agenciamento de artistas.

TAINÁ VERÍSSIMO

É integrante do *Grupo Totem* desde 2004, desenvolvendo coletivamente uma linguagem cênica que parte da performance e da ritualidade, onde atua como atriz- performer, produtora e arte-educadora. Ministra, junto aos integrantes do grupo, a *Oficina Corpo Ritual*; é também pesquisadora do Acervo RecorDança desde 2010, abarcando a salvaguarda, difusão e produção de conhecimento sobre as danças pernambucanas. Investiga no corpo o diálogo entre arte, cura e espiritualidade nas artes cênicas e no audiovisual. É Pós-graduanda em Dança Educacional – CENSUPEG, formanda em Instrutora de Yoga – ANYI, Licenciada em Educação Artística / Artes Cênicas – UFPE.

IZABEL GOUDART

Alquimista, artista curadora e pesquisadora de processos e metodologias de aprendizagem colaborativa em rede e de tessituras afetivas e poéticas. Graduada em Química pela UERJ (1989) foi compondo uma partitura multidisciplinar na mistura e hibridização das ciências da natureza, das artes e das tecnologias contemporâneas e ancestrais. A intimidade e conflitos de um corpo dissidente lésbico integra suas poéticas a partir da autobiografia de seu corpo e relações. Os padrões geométricos e fractais da natureza e a conexão com a ancestralidade e espiritualidade dialogam com a poética e delicadeza da vida e outras existências. A potência do coletivo encontra-se presente nas proposições de arte colaborativa. Combina várias técnicas e práticas como a fotografia, o vídeo, instalações, arte sonora, objetos e a performance para dar materialidade ao corpo de sua obra. É curadora e gestora da residência Somas. Mestre em Educação (UERJ), Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) com pós doutorado em Mídias Interativas (UFG) e, atualmente, graduanda em Artes Visuais (UERJ).

DALMONI LYDIJUSSE

Mineira, tem licenciatura em Artes Plásticas pela FAAP, bacharelado em Belas Artes pela UFMG e especialização em Arte Integrativa pela Universidade Anhembi Morumbi. Além de cursos que acompanham sua carreira, entre São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York e Canadá.

Desde 2003 gerencia e mantém o *Arte Ziriguidum*, ministrando aulas e cursos, promovendo diversas iniciativas com outros profissionais, realizando curadorias, oferecendo o espaço para atividades culturais, e exposições individuais e coletivas. Como artista participou de exposições individuais e coletivas.